

## **AS PRINCIPAIS CORRENTES DO PENSAMENTO GEOGRAFICO: UMA BREVE DISCUSSÃO DA CATEGORIA DE ANÁLISE DE LUGAR**

Carolina Gusmão Souza – Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC

Talina Araújo Souza – Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC

Fabiane Silva Santos Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC  
[fabiane.ssantos@yahoo.com.br](mailto:fabiane.ssantos@yahoo.com.br)

Minéia Venturini Menezes – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

### **RESUMO**

A ciência geográfica teve seu processo de sistematização lento e tardio na visão de alguns autores, vindo a constituir-se enquanto ciência mais especificamente no século XIX, no entanto desde a antiguidade estudos geográficos já eram desenvolvidos, tendo se iniciado na Antiga Grécia. Os pressupostos históricos do processo de sistematização da Geografia moderna foram se constituindo por meio de um processo lento onde aos poucos foram se estabelecendo os condicionantes, tanto histórico-estruturais, remetendo a um determinado grau de desenvolvimento material das sociedades, quanto vinculados à formulação de determinados postulados científicos e filosóficos. Assim no início do século XIX uma série de condições já se encontravam estabelecidas para a sistematização da Geografia, tanto no que se refere ao cabedal de informações a nível planetário, quanto ao desenvolvimento da cartografia, também quanto ao desenvolvimento filosófico e científico.

**Palavras-chave:** Lugar; Geografia; Pensamento Geográfico.

### **INTRODUÇÃO**

A ciência geográfica teve seu processo de sistematização lento e tardio na visão de alguns autores, vindo a constituir-se enquanto ciência mais especificamente no século XIX, no entanto desde a antiguidade estudos geográficos já eram desenvolvidos, tendo se iniciado na Antiga Grécia. Grande parte do mundo ocidental conhecido era dominada pelos gregos, em especial o leste do Mediterrâneo. Sempre interessados em descobrir novos territórios de domínio e atuação comercial, era fundamental que conhecessem o ambiente físico e os fenômenos naturais. O céu claro do Mediterrâneo facilitava a vida dos navegantes gregos, sempre atentos às características dos ventos, importantes para sua navegação em termos de velocidade e segurança. Sobre tais experiências, os gregos deixaram para as futuras gerações escritos que contavam a sua vivência geográfica. Estudos feitos acerca do rio Nilo, no Egito, detalhavam, entre outras coisas, seu período de cheia anual. No século IV a.C., os gregos observavam o planeta como um todo. Através de estudos filosóficos e observações astronômicas, Aristóteles foi o primeiro a receber crédito ao conceituar a Terra como uma esfera. Em sua especulação sobre o formato da Terra, Strabo acabou escrevendo uma obra de 17 volumes, 'Geographicae', onde descrevia suas próprias experiências do mundo. Com o colapso do Império Romano, os grandes herdeiros da geografia grega foram os árabes. Muitos trabalhos foram traduzidos do grego para o árabe. Os geógrafos árabes foram grandes viajantes, que continuaram a produzir estudos importantes, ainda que descritivos.

A Idade Moderna caracterizou-se por ser o período dos grandes descobrimentos, realizados especialmente pelos navegadores portugueses e espanhóis. Nessa época, os estudos de Geografia Regional (mais ligados à Etnografia) e Geografia Geral (voltados para a Astronomia e Cartografia) tornam-se mais intensos, em razão do rápido conhecimento do planeta por parte dos desbravadores europeus, que demandavam mais estudos sobre os lugares descobertos, além de instrumentos de navegação e localização mais precisos. O dualismo entre Geografia Geral e Regional é verificado durante toda a Antigüidade, Idade Média e Idade Moderna. No entanto é por meio das obras de Alexandre Von Humboldt e de Carl Ritter que a Geografia teria se originado enquanto ciência, como aponta MORAES (2002),

Humboldt e Ritter são, sem dúvida, os pensadores que dão o impulso inicial à sistematização geográfica, são eles que fornecem os primeiros delineamentos claros do domínio dessa disciplina em sua acepção moderna, que elaboram as primeiras tentativas de lhe definir o objeto, que realizam as primeiras padronizações conceituais [...] (MORAES, 2002, p.15).

Moraes, ao analisar o processo de sistematização da Geografia iniciado com Humboldt e Ritter coloca que a Geografia neste momento não se fundamentou enquanto uma ciência sistemática com um objeto de estudo definido, dotada de um caráter de síntese caberia ao geógrafo coletar várias informações e sistematizá-las, esse caráter não sistemático acabou gerando uma problemática quanto à definição do objeto de estudo da Geografia, “a necessidade de reafirmar continuamente sua autoridade e identidade, e as dificuldades de realizar essa tarefa, acompanharão a trajetória da Geografia moderna até a atualidade (MORAES, 2002, p.16)”.

Moraes (2002) retrata os pressupostos históricos do processo de sistematização da Geografia moderna, estes foram se constituindo por meio de um processo lento onde aos poucos foram se estabelecendo os condicionantes, tanto histórico-estruturais, remetendo a um determinado grau de desenvolvimento material das sociedades, quanto vinculados à formulação de determinados postulados científicos e filosóficos. De forma breve os pressupostos da sistematização da Geografia apontados pelo autor foram:

- O conhecimento efetivo de todo planeta, a consciência da magnitude real da superfície terrestre representava o patamar mínimo para o afloramento da reflexão sistematizada sobre esse espaço concreto. A objetivação dessas condições começa a emergir com o início da expansão européia, com as grandes navegações e o descobrimento de novas terras que significa a possibilidade do processo de constituição do espaço mundial;
- A constituição de uma economia mundial, condição totalmente ligada com a expansão capitalista quem em seu avanço espacial gerou a necessidade de conhecer e obter conhecimento sobre as várias áreas do globo. “A constituição da economia mundial implicava ir além da simples descoberta, remetendo, à necessária apropriação dos novos territórios, sua incorporação efetiva ao sistema produtivo do centro difusor (MORAES, 2002, p. 18)”;
- O desenvolvimento dos meios de representação cartográfica que se deu com a intensificação das relações comerciais, também devido à necessidade de conhecer a extensão real das colônias e de demarcar os seus limites;
- A necessidade de se estabelecer um temário geográfico a luz de um pensamento filosófico e científico. De modo geral, a produção filosófica do período empreendido entre os séculos XVIII e até meados do século XIX referendou o temário geográfico,

fornecendo uma base de autoridade para propostas que veiculassem sua discussão enquanto disciplina autônoma.

Assim no início do século XIX uma série de condições já se encontravam estabelecidas para a sistematização da Geografia, tanto no que se refere ao cabedal de informações a nível planetário, quanto ao desenvolvimento da cartografia, também quanto ao desenvolvimento filosófico e científico, todos diretamente vinculados com o próprio processo de efetivação das relações capitalistas, a ideologia implícita nos trabalhos dos diversos autores dava legitimidade à expansão capitalista em detrimento da superação do modo de produção feudal. A Geografia não foge a regra, e surge como coloca SANTOS (1979) mais como uma ideologia engendrada pelo capitalismo adequada às suas necessidades de expansão nos países centrais e nas periferias, do que como uma filosofia.

### **OBJETIVO**

O presente trabalho objetiva trazer um breve esboço das principais correntes do pensamento geográfico analisando a contribuição no desenvolvimento desta ciência, busca-se também uma discussão acerca da categoria de análise Lugar na Geografia Humanística e na Geografia Crítica.

### **AS PRINCIPAIS CORRENTES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

A Geografia Tradicional também conhecida como Geografia Clássica surgiu no século XIX, inicialmente na Alemanha e na França, difundindo-se aos demais países, tendo como precursores Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter. Nesta corrente surgem as primeiras definições do que seria a Geografia e qual seria seu objeto de análise, já que no momento de sua sistematização não havia clareza quanto ao objeto de estudo, a Geografia era tida como a ciência “do tudo” ou a ciência “da superfície terrestre”. Segundo Hettner (1939) caberia à Geografia “a análise das influências e interações entre o homem e o meio”, Albert Demageon (1942) conceitua a Geografia como “o estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico” e para Martonne (1951) a “Geografia moderna encara a distribuição à superfície do globo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos”.

A Geografia Tradicional foi fortemente marcada pela existência de dicotomias, como a Geografia Física e Geografia Humana, Geografia Geral e Geografia Regional. Caberia a Geografia Física ocupar-se com o estudo do quadro natural e à Geografia Humana preocupava-se com a distribuição dos aspectos originados pelas atividades humanas, nesta relação dicotômica a Geografia Física obteve a imagem de ser mais consolidada que a Geografia Humana, devido ao próprio desenvolvimento das ciências naturais,

Em virtude do aparato metodológico mais eficiente das ciências físicas e da esplêndida concatenação teórica elaborada por William Morris Davis, a Geografia Física rapidamente ganhou a imagem de ser a parte cientificamente mais bem consolidada e executada [...] Destituída de aparato teórico e explicativo para as atividades humanas, assim como a imprecisão dos procedimentos metodológicos, a Geografia Humana sempre se debatia na procura de justificar o seu gabarito científico, e em estabelecer sua definição e finalidades como ciência (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.13).

Outra dicotomia existente nesta corrente refere-se à Geografia Geral e a Geografia Regional. A primeira objetivando estudar a distribuição dos fenômenos da superfície terrestre, analisava cada categoria do fenômeno de maneira autônoma, resultando na subdivisão da Geografia (geomorfologia, hidrografia, climatologia, etc.), já a Geografia Regional procurava estudar as unidades componentes da diversidade areal da superfície terrestre. A Geografia Regional muito valorizada nesta corrente era tida como a mais complexa expressão do método geográfico, assim caberia ao geógrafo descrever as características de dada região,

A Geografia Regional procurava estudar as unidades componentes da diversidade areal da superfície terrestre. Em cada lugar, área ou região a combinação e a interação das diversas categorias de fenômenos refletiam-se na elaboração de uma paisagem distinta, que surgia de modo objetivo e concreto. O estudo das regiões e das áreas favoreceu a expansão da perspectiva regional ou corológica, que teve como êmulo e padrão as clássicas monografias da escola francesa. Preocupados em compreender as características regionais, o geógrafo desenvolveu habilidade descritiva, exercendo a caracterização já estabelecida por La Blache, em 1923 (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.14).

Quanto aos procedimentos metodológicos destaca-se a importância do trabalho empírico e da habilidade descritiva, além do papel de síntese atribuído à Geografia, onde esta reuniria as informações obtidas pelas demais ciências, resultando na visão totalizadora da região, como aponta CHRISTOPOLETTI, 1985, “[...] à Geografia, considerando a totalidade, correspondia o trabalho de síntese, reunindo e coordenando todas as informações a fim de salientar a visão global e totalizadora”.

A Nova Geografia também conhecida como Geografia Teorética Quantitativa surgiu durante a década de 50, impulsionada pelas transformações ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial nos setores científico, tecnológico, social e econômico. Esta corrente buscou superar as dicotomias existentes na Geografia Tradicional e os procedimentos metodológicos da Geografia Regional. Baseada no positivismo lógico, busca ser objetiva e imparcial, por meio de um rigor maior na aplicação da metodologia científica.

Diferentemente do que se propunha na Geografia Tradicional onde a Geografia era tida como uma ciência singular, devendo possuir métodos próprios, na Nova Geografia os métodos científicos são comuns a todas as ciências, “[...] há métodos científicos para a pesquisa geográfica, mas não métodos geográficos de pesquisa (CHRISTOPOLETTI, 1985, p. 16)”, assim toda pesquisa científica seguiria o mesmo conjunto de procedimentos, o que difere na pesquisa é o objeto de estudo, no caso da Geografia o das organizações espaciais,

Em cada ciência, o que a diferencia das demais é o seu objeto. Cada ciência contribui para a compreensão da ordem e da estrutura existentes, e o setor da Geografia é o das organizações espaciais. A abordagem da geografia científica está baseada na observação empírica, verificação de seus enunciados e na importância de isolar aos fatos de seus valores. Ao separar os valores atribuídos aos fatos dos próprios fatos, a ciência procura ser objetiva e imparcial (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.16).

Faz parte dos procedimentos metodológicos da Nova Geografia a observação empírica, a quantificação dos fatos, a criação e verificação de hipóteses, a

proposição de predições baseadas nas teorias e leis científicas, grande importância é dada ao critério da refutabilidade,

[...] considerando-se certas hipóteses e determinadas condições, o resultado do trabalho geográfico deve ser capaz de prever o estado futuro dos sistemas de organização espacial e contribuir de modo efetivo para alcançar o estado condizente e apto para as necessidades humanas. Os enunciados geográficos assumem validade em função da sua verificação e teste (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.17).

Outra característica marcante na Nova Geografia é o amplo uso das técnicas matemáticas e estatísticas para analisar os dados coletados e as distribuições espaciais, tanto que acabou sendo denominada de Geografia Quantitativa.

Em oposição à Nova Geografia, sobretudo procurando substituir os preceitos da metodologia científica positivista empregada surgiram outras correntes do pensamento geográfico, sendo as de maior destaque a Geografia Humanística e a Geografia Radical.

A Geografia Humanística tem como base os trabalhos realizados por Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph e Mercer e Powell, e possui a fenomenologia existencial como a filosofia subjacente. Embora possuindo raízes mais antigas, em Kant e em Hegel, os significados contemporâneos da fenomenologia são atribuídos à filosofia de Edmund Husserl (1859-1939). Tendo a fenomenologia como filosofia a Geografia Humanística procura valorizar a percepção do indivíduo por meio de suas experiências,

[...] preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo. Desta maneira, contrapõe-se às observações de base empírica, pois não se interessa pelo objeto nem pelo sujeito (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.22).

Os geógrafos humanistas defendem a necessidade de valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo na busca da compreensão da sua forma de sentir das pessoas em relação aos seus lugares, “[...] para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.22)”.

As noções de espaço e lugar surgem como muito importantes para esta tendência geográfica. O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o "centro de significância ou um foco de ação emocional do homem". O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas. Em 1974, ao tentar estruturar o setor de estudos relacionados com a percepção, atitudes e valores ambientais, Yi-Fu Tuan propôs o termo Topofilia definindo-o como "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou quadro físico".

A Geografia Crítica parte do mesmo pressuposto da corrente humanística quanto à crítica empregada em relação à Nova Geografia, no entanto baseia-se em outro método filosófico, o materialismo histórico e dialético, e também possui uma

característica marcante: a preocupação em ser crítica e atuante. Iniciou-se na década de 1960 em virtude do ambiente contestatório nos Estados Unidos, em função da guerra do Vietnã. Existem vários adjetivos para caracterizar esta corrente como marxista, crítica e radical, CHRISTOPOLETTI (1985) coloca como a mais abrangente a denominação Geografia Radical, por designar tudo o que seja de tendência esquerdista e postura contestatória.

O pensamento crítico na geografia significou, principalmente, uma aproximação com os movimentos sociais, principalmente na busca da ampliação dos direitos civis e sociais, como o acesso a educação de boa qualidade, a moradia, pelo acesso à terra, o combate à pobreza, entre outras temáticas.

A Geografia Crítica difere também da Nova Geografia quanto a forma como estuda os fenômenos espaciais, busca a superação quanto ao estudo dos padrões espaciais, buscando analisar em primeiro os processos sociais associando-os com os espaciais, para isso interessa-se pelos modos de produção pois as formações espaciais estão estreitamente relacionadas com o modo de produção,

A Geografia Radical interessa-se pela análise dos modos de produção e das formações sócio-econômicas. Isto porque o marxismo considera como fundamental os modos de produção, enquanto as formações espaciais (ou formações econômicas e sociais) são as resultantes. As atividades dos modos de produção constroem e geram formações diferentes (CHRISTOPOLETTI, 1985, p.27).

Vários são os trabalhos desenvolvidos nesta corrente, o de David Harvey intitulado “Social Justice and the City”, 1973, foi um marco por representar a primeira tentativa de apresentar uma síntese e um marco teórico para análise do espaço urbano. Na França o movimento de Geografia Radical possui Yves Lacoste como grande nome, no Brasil muitos autores atuam nesta linha a exemplo de Milton Santos com sua obra Por uma Geografia, 1979, propõe uma transformação na forma de se pensar e fazer a Geografia.

## **A CATEGORIA DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA: LUGAR**

A conceituação da palavra lugar emerge inicialmente em outros ramos do conhecimento, antes mesmo da sistematização da Geografia. Uma das primeiras definições de lugar foi realizada por Aristóteles na sua obra intitulada Física, para ele o lugar seria o limite que circunda o corpo. Buscando um maior aprimoramento do conceito introduzido por Aristóteles um outro filósofo, Descartes em sua obra intitulada Princípios Filosóficos afirma que além de delimitar o corpo, o lugar deveria ser também definido em relação à posição de outros corpos.

Especificamente na Geografia o conceito lugar possui destaque na corrente Humanística, esta corrente chega a considerar o lugar e como sendo uma das categorias de análise mais importantes da geografia, juntamente com o espaço. O conceito lugar é então amplamente utilizado pelos geógrafos, sobretudo na obra de Yu-Fu Tuan. A Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do seu grupo, buscando compreender as maneiras de ser, de agir e de sentir das pessoas em relação aos lugares. Assim, o lugar é visto como aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado, ou seja, aquele espaço que possui uma significância para o indivíduo. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições.

Yi-Fu Tuan em 1974 propôs a utilização do termo Topofilia, ao tentar estruturar o setor de estudos relacionados com a percepção, atitudes e valores ambientais, definindo-o como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou quadro físico”.

Na concepção de Tuan o lugar remete ao espaço do cotidiano, do vivido, do percebido. Desta forma, o autor atribui grande ênfase na experiência sensorial por parte dos habitantes do lugar. O lugar poderia assim ser explicado somente pela percepção ou elos que os habitantes possuem com o lugar. Percebe-se dentro desta percepção que não há uma preocupação em considerar o processo histórico que culmina na produção dos diferentes lugares, também não é levantada à questão da influencia do “de fora” ou da mundialidade na produção do lugar.

A Geografia Crítica não chega a classificar o lugar enquanto categoria central da Geografia, mas muitos são os autores que têm demonstrado a sua importância para o estudo geográfico, como por exemplo, Ana Fanni e Milton Santos, o lugar, no entanto, possui uma definição um pouco distinta da que prevalece na outra vertente. Fanni define o lugar enquanto local do espaço que pode ser apropriado para a vida e sentido pelo corpo, devendo ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007).

A autora define o lugar enquanto a base da reprodução da vida. Ao analisar a tríade habitante-identidade-lugar aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através do corpo que o homem habita e se apropria do espaço, ou seja, através dos modos de uso. Sendo assim, o lugar só pode ser compreendido em suas referências que são produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso.

Neste sentido a autora não considera uma metrópole enquanto um lugar, pois este só pode ser vivido parcialmente, o que remeteria a discussão do bairro e da rua enquanto espaços imediatos das relações mais finas, onde o vivido é revelado, por serem estes os espaços apropriados por meio do corpo, ou seja, dos modos de uso. Ainda sobre a metrópole, Ana Fanni chama atenção ao fato como no período atual as formas são engendradas no espaço revelando um descompasso entre os tempos da forma urbana e o tempo da vida humana, ocasionando na perda da identidade habitante-lugar, formando o que a mesma denomina de “não-lugar”.

Neste processo de mudanças rápidas, o espaço se torna instável, o profundo processo de mutação cria a destruição dos referenciais que sustentam a vida cotidiana, jogando o cidadão em meio à agitação da multidão cada vez mais densa e amorfa, confrontando com a perda de sua identidade (CARLOS, 2007).

O lugar é o espaço por meio do qual o homem percebe o mundo, por ser este a porção do espaço apropriável para a vida, onde por meio dos atos mais corriqueiros (o caminhar, as relações de vizinhança, etc.) são criados os laços de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso. Mas o lugar é também o espaço da produção e reprodução da vida, que se dá por meio das

relações de trabalho, que não são específicas de um lugar, mas encontram-se relacionadas com o modo de produção, que acaba determinando nas atividades produtivas e nas relações de trabalho que serão desenvolvidas em cada lugar. Desta forma evidencia-se a influência do global, ou o “de fora” no local, não sendo possível perceber o lugar somente enquanto fruto das relações locais.

O lugar, portanto, liga-se de modo inexorável à realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensáveis a ela, mas a produção da vida e do lugar revela a necessidade de sua reprodução continuada (CARLOS, 2007).

Couto também analisa o lugar dentro desta perspectiva de relação global X local, e define o lugar como o local do espaço geográfico onde se tornam aparentes os acontecimentos que se referem às relações socioeconômicas globais;

O lugar é a materialidade das coisas e a objetividade da sociedade [...] Lugar é cotidiano partilhado e compartilhado, é contigüidade, base da vida em comum, de cooperação e de conflito, criador de comunhão e da política territorializada, no confronto entre organização e espontaneidade. (COUTO, 2006, p. 24).

Ainda discutindo sobre a influência do global no local, Carlos no seu livro “O lugar no Mundo”, coloca que na Geografia o problema da redefinição do lugar emerge como uma necessidade diante do processo de globalização e questiona se ainda hoje é possível pensar o lugar enquanto singularidade. Discursando sobre a problemática a autora cita Milton Santos, onde este coloca que existe uma dupla questão no debate do lugar. O lugar visto de “fora” a partir da sua redefinição, resultado do acontecer histórico e o lugar visto de “dentro” o que implicaria a necessidade de redefinir seu sentido. Segundo Fani, na visão de Santos o lugar poderia ser definido pela a partir da densidade técnica (que tipo de técnica esta presente na configuração atual do território), a (densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido) a idéia da densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitório), Carlos acrescenta ainda a dimensão histórica, como a que estabelece um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”, instalando-se no plano do vivido produziria o conhecido-reconhecido.

Os lugares produzidos nesta relação entre o global e o local, continuam mantendo suas especificidades, pois cada lugar é fruto de uma história particular, que mesmo influenciado pelo mundial, continua a manter suas particularidades, seja nas formas e significações, nas relações cotidianas, enfim no modo de apropriar cada lugar.

Por sua vez a globalização materializa-se concretamente *no lugar*, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo sem, todavia anularem-se as particularidades (CARLOS, 2007).

Portanto para a autora o lugar se apresenta como “[...] ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento (CARLOS, 2007)”. Cada vez mais os lugares sofrem a influência externa devido, sobretudo, ao desenvolvimento da técnica e das comunicações. Aparece como um fragmento do espaço que têm sua identidade formada das relações sociais



dentro de uma história particular, local, fortemente influenciado pela história mundial através do modo de produção, do consumo, da divisão do trabalho.

Analisando a influência do global no local Milton Santos considera que quanto mais o processo de mundialização se intensifica, mais os lugares se tornam singulares e específicos, ou seja, únicos. Para ele;

[...] cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexos único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemônica universal [...] Os resultados, criadores de distorções e desigualdades em todos os lugares, impõem a cada local combinações particulares, que são outras tantas formas específicas de complexidade da vida social (SANTOS, 1988).

O autor coloca que os lugares devem ser analisados observando a história das relações que foram desenvolvidas e critica uma análise do lugar feita somente a partir dele mesmo, como se ele por si só se explicasse;

A geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente. O geógrafo torna-se um empiricista, e está condenado a errar em suas análises, se somente considera o lugar, como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos. O geógrafo seria funcionalista se levasse em conta apenas a função; e estruturalista se apenas indicasse as estruturas, sem reconhecer o seu movimento histórico ou a relação social sem o conhecimento do que a produziu. Impõe-se, na análise, apreender objetos e relações como um todo, e só assim estaremos perto de ser holístas, isto é, gente preocupada com a totalidade (SANTOS, 1988).

Desta forma Santos crítica a análise feita do lugar segundo o método utilizado na corrente humanística, baseada na fenomenologia, ou seja, baseada na percepção das pessoas, e também coloca a importância de analisar o lugar dentro de uma estrutura mais ampla da qual faz parte, e é influenciado. Diante do proposto em cada corrente, percebe-se que uma análise do lugar pautada somente nas significações que estes possuem para os habitantes torna-se insuficiente, acredita-se que ao realizar uma análise do lugar deva abarcar o estudo do processo histórico que culmina na produção diferenciada dos lugares, ainda é preciso lembrar que os lugares não são espaços dotados de autonomia, uma vez que sua produção se encontra vinculada com o processo de produção do espaço global, que por sua vez substancia-se de acordo com o modo de produção vigente, neste caso o modo de produção capitalista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As idéias são sempre fruto de uma dada realidade, a sociedade muda e com ela as suas convicções, necessidades; verdades consideradas como sendo absolutas num período são posteriormente superadas por outras. A ciência por sua vez acompanha essas transformações, métodos de análise, teorias utilizadas num dado momento, são posteriormente questionadas e superadas. Esse movimento existente na ciência é de grande importância para a produção de conhecimento, o que se questiona é a favor de quem esse conhecimento desenvolvido é utilizado. A Geografia como uma ciência não é diferente, vivenciou vários períodos sendo desenvolvido em cada contexto formas de se analisar o espaço geográfico que por mais que se pareçam

ingênuas encontram-se dotadas de ideologia, seja para mascarar a verdadeiro papel desempenhado pelo Estado, para defender o imperialismo, para ser utilizada com fins de planejamento estatal, mas também há o outro “lado” da Geografia a que procura questionar a realidade e propõe uma mudança na sociedade - a Geografia Radical. Apesar da crítica levantada não se pode negar a importância de cada corrente epistemológica no desenvolvimento da Ciência Geográfica seja no desenvolvimento de teorias, definições e métodos de análise. Ainda é preciso considerar que apesar da evolução vivenciada pela Geografia, muitos problemas ainda permanecem, sobretudo no que se refere ao seu papel enquanto ciência que possui como objeto de estudo o espaço geográfico, num contexto onde os problemas sociais e ambientais cada vez mais evidenciam-se.

### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O LUGAR NO/DO MUNDO**. São Paulo: Labur Edições, 2007. (edição digital)

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007. (edição digital)

COUTO, Marcos Antonio Campo. **VISIBILIDADE DO INVISIVEL: CONCEITOS E ORGANIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA**. Revista Tamoios. 2006. (edição digital)

CHRISTOPOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. 2ª ed. São Paulo: DEFEL, 1985.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *A Gênese da Geografia Moderna*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, Fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

\_\_\_\_\_. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: HUCITEC, 1979.